

AUTODETERMINAÇÃO E LIBERDADE: SOBRE AS FERRAMENTAS DE EMANCIPAÇÃO DOS POVOS NEGROS DA DOMINAÇÃO COLONIAL

NATÁLIA GALVÃO AZEVEDO SILVA¹

Resumo: Este artigo visa discutir uma das formas de dominação colonial executadas pelos povos advindos do continente europeu sobre os povos de África: a dominação cultural. Na introdução, acompanharemos algumas das estratégias de coerção cultural e histórica que o imperialismo capitalista colonial exerceu sobre África, em seguida, no primeiro tópico, acompanharemos a reflexão da filósofa indiana Gayatri Spivak quanto à construção das subjetividades subalternas². Já no segundo tópico, daremos destaque à importância de se produzir uma epistemologia africana, sendo essa uma das principais ferramentas de autodeterminação. No tópico final, destacaremos algumas das marcas iniciais do protagonismo negro no que tange à sua participação no contexto artístico, cultural, político e intelectual de sua história.

Palavras-chave: África; Dominação colonial; Sujeito Subalterno; Emancipação; Identidade.

1. INTRODUÇÃO

A Conferência de Berlim³ (1884-1885) foi um marco no que diz respeito aos rumos que tomaria o continente africano. Modificações culturais, geográficas, sociais, econômicas e outras – efeitos das decisões tomadas na Conferência – reverberam até hoje em África. A divisão dos territórios africanos entre as potências europeias se sucedeu de maneira arbitrária, sendo ausente qualquer tipo de respeito às características etnoculturais dos povos africanos. Assim, conforme ocorria a ocidentalização de África, a colonização assolou as estruturas locais, e a dominação cultural se tornou um grande impedimento à autodeterminação e independência dos povos africanos.

1 Mestranda em Filosofia Africana e Licencianda em Filosofia no departamento de filosofia da USP. À época do envio do artigo, a autora ainda não tinha ingressado no mestrado.

2 Os termos “subalternidade” e “subalterno” se referem ao conceito utilizado por Gayatri Spivak em seu livro *Pode o subalterno falar?*. O conceito é utilizado para caracterizar aquele que carece de possibilidades de autorrepresentação; é aquele que, durante sua trajetória, não protagoniza sua própria história, e mais, vê-se em uma ordem política cristalizada, em que a subversão desta se torna uma tarefa árdua. As dinâmicas de construção do status de objeto do subalterno são formadas “[através] de modos específicos de exclusão, de representação política legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.

3 A Conferência de Berlim, realizada entre 1884 e 1885, reuniu 14 potências do século XIX para debater a ocupação do continente africano.

O escritor Edward Said, em seu livro *Imperialismo e Cultura*, sinaliza um dos instrumentos mais simbólicos da dominação colonial: a cultura. Said destaca que a produção da literatura colonial imprimia universalidade às narrativas dos europeus. Dessa forma, a literatura tornou-se um meio de afirmação da identidade do europeu e de estigmatização dos povos africanos, de forma que suas narrativas postulavam características superiores dos colonizadores em relação às dos colonizados. Assim, a construção da posição de *subalternos* dos povos africanos se instalou tanto na *mentalidade* desses europeus que não estavam em África quanto nas mentes dos próprios africanos, mesmo que não pelos mesmos meios. Esse *modus operandi* exprime o modelo geral de cultura imperial, fundamentado em dois pontos: dominação global e sistema classificatório racial. Dentro disso, há elementos importantes que dizem respeito à construção da cultura no geral. Por exemplo, a exposição daquilo que há de melhor em cada sociedade colonial e a neutralização completa daquilo que há de negativo nela. Outro elemento importante é o caráter combativo da cultura, por causa de sua carga política e ideológica, capaz de criar um sentimento de pertencimento na civilização.

Nesse contexto, cabe retomar brevemente a definição de cultura, no que diz respeito à sua finalidade. Um dos principais nomes do movimento da *Négritude*, Aimé Césaire, considera que a cultura é o esforço de toda a coletividade humana para se dotar da riqueza de uma *personalidade* (SANCHES, 2011). Todavia, quando temos um cenário no qual o regime político-social acaba por amputar a possibilidade de autodeterminação de um povo, ele mata também o seu poder criador (SANCHES, 2011).

Não bastasse essa amputação cultural, houve o desenvolvimento de ideologias sistêmicas relacionadas, principalmente, a questões de raça. A *manipulação das mentes*, como foi sinalizado, teve um papel importante na fundamentação da dominação colonial. Há considerações, por exemplo, que têm como principal ponto a colocação de que África era um continente sem história. Essa afirmativa foi propagada pelo filósofo alemão Friedrich Hegel na primeira metade do século XIX, que declarava a inexistência da História na África Subsaariana, ou de sua insignificância para a humanidade (OLIVA, 2003). Outro exemplo que reflete esse imaginário cheio de estigmas e estereótipos, e que exprime claramente a ideologia racial, é encontrado em um tratado intitulado *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, da metade do século XVIII, do filósofo prussiano Immanuel Kant:

Os negros da África, por natureza, não têm nenhum sentimento que se eleve acima do pueril. O senhor Hume desafia quem quer que seja a citar um único exemplo de um negro demonstrando talento e afirma que dentre as centenas de milhares de negros que são transportados de seus países para outros, mesmo dentre um grande número deles que foram libertados, ele nunca encontrou um só que, seja em arte, seja nas ciências, ou em qualquer outra louvável qualidade, tenha tido um papel importante, enquanto que dentre os brancos, constantemente ele constata que, mesmo se nascidos das camadas mais baixas do povo, estes sempre se elevam socialmente, graças a seus dons superiores, merecendo a consideração de todos. Tanta é a diferença essencial entre estas duas raças; ela parece também tão grande no que concerne às capacidades quanto segundo a cor. A religião fetichista, largamente difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria que se enraíza tanto na puerilidade

quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, um chifre de uma vaca, um búzio, ou qualquer outra coisa ordinária, desde o instante em que esta coisa seja consagrada por certas palavras, é um objeto de veneração e invocada em juramentos. Os negros são muito vaidosos, mas à maneira negra, e tão tagarelas que é preciso dispersá-los a golpes de porrete. (KANT, 1980)

Foram discursos como os de Hume, Kant e Hegel que pintaram, por séculos, uma imagem negativa de África, acabando por servir como justificativa tanto para o tráfico negreiro europeu quanto para a violência simbólica que o substituiria depois. Assim, nessa cosmologia baseada fundamentalmente na ideologia da diferença, o homem europeu e branco se apresenta como superior, como um ser universal. É essa leitura que permite Edward Said considerar que o Ocidente inventa o Oriente, ao projetar sobre ele suas próprias questões.

Essas marcas que o imperialismo capitalista colonial deixou nos povos africanos são ressaltadas por vários autores pan-africanistas. Como o conceito de *dupla consciência*, ressaltado por Senghor, Aimé Césaire e Du Bois, que diz respeito à assimilação forçada dos africanos aos elementos europeus, gerando, portanto, um apagamento das diferenças e a desconstrução de uma identidade própria do negro:

É uma sensação estranha, esta dupla consciência, esta sensação de se estar sempre a olhar para si mesmo através dos olhos dos outros, de medir a nossa alma pela bitola de um mundo que nos observa com desprezo trocista e piedade. Sente-se sempre esta dualidade - um Americano, um Negro; duas almas, dois pensamentos, dois anseios irreconciliáveis; dois ideais em contenda num corpo escuro que só não se desfaz devido à sua força tenaz. (SANCHES, 2011)

Assim, a perda da autonomia, da identidade e da liberdade, além do sentimento de inferioridade, são decorrentes não só, mas principalmente, desse processo de *sepultamento de sua originalidade cultural*:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008)

De forma que:

Usar roupas europeias ou trapos da última moda, adotar coisas usadas pelos europeus, suas formas exteriores de civilidade, florear a linguagem nativa com expressões europeias, usar frases pomposas falando ou escrevendo em uma língua europeia, tudo [isso é] calculado para obter um sentimento de igualdade com o europeu e seu modo de existência. (FANON, 2008)

Apresentadas, brevemente, algumas colocações importantes que antecedem os movimentos relacionados à emancipação dos negros, serão pincelados agora alguns pontos importantes para se discutir a emancipação, a autodeterminação e outros elementos concernentes à libertação psíquica,

geográfica e, principalmente, cultural que fizeram parte da produção intelectual de pan-africanistas entre os séculos XIX e XX.

O subitem que sucede a introdução nos trará um conceito que será bastante utilizado no decorrer deste artigo, que é o conceito de *subalternidade*. Como já colocado, o avanço imperialista sobre os continentes africanos foi extremamente nocivo, dessa maneira, a partir desse domínio territorial, por parte dos europeus, a legitimidade do narrar ficou exclusivamente com esses, e, portanto, a lógica Ocidental se instaurou como hegemônica. Assim sendo, tudo que se apresentava como divergente dessa lógica foi violentado de todas as formas possíveis – culturais, políticas, artísticas, históricas, intelectuais, religiosas etc. O indivíduo colonizado teve a sua existência marginalizada, ou seja, teve sua existência subordinada ao sujeito europeu, o que se justifica, justamente, pelo projeto colonial predatório – cujas ferramentas já foram salientadas anteriormente – que dominou África. Portanto, o indivíduo africano se torna um *sujeito subalterno*.

2. PODE O SUBALTERNO FALAR?

Gayatri Spivak, filósofa feminista de origem indiana, em seu ensaio *Pode o subalterno falar?*, explora questões concernentes à construção da subjetividade do indivíduo em uma sociedade que não está no centro do capitalismo global. Spivak faz colocações relacionadas à questão das *subjetividades subalternas* e apresenta indagações referentes à ideia de um *sujeito transparente*, além de denunciar que não apenas a afirmação de uma identidade, mas também o apagamento de qualquer ideia de identidade do sujeito, pode levar ao apagamento das diferenças como constitutivas dos sujeitos concretos. Assim, esse sujeito se torna um “Outro do Outro”, isto é, se ausenta da dialética do “Eu e do Outro”, como afirma o filósofo Lewis R. Gordon no prefácio do livro de Frantz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*:

[...] Fanon argumenta que o racismo força um grupo de pessoas a sair da relação entre o Eu e o Outro, uma relação que é a base da vida ética. A consequência é que quase tudo é permitido contra tais pessoas, e como a violenta histórica do racismo e da escravidão revela, tal licença é frequentemente aceita com um zelo sádico. A luta contra o racismo anti-negro não é, portanto, contra ser o Outro. É uma luta para entrar na dialética do Eu e do Outro. (Lewis R. Gordon - prefácio - *Pele Negra, Máscaras Brancas*), 2008)

Nesse sentido, observa-se nos escritos dos pan-africanistas, como nos de Marcus Garvey, uma grande ênfase na necessidade de o negro desenvolver o seu senso de dignidade, autorrespeito e orgulho racial. A partir do desenvolvimento desse *novo negro*⁴, isto é, desse sujeito liberto das amarras psíquicas que resgata sua dignidade humana, desse sujeito autônomo e que produz conhecimento, há o início de um novo ser social, independente e autoconsciente, que se insere, aos poucos, nessa dialética.

4 Conceito utilizado por Alain Locke em seu livro *The New Negro: An Interpretation*.

3. AUTODETERMINAÇÃO E INDEPENDÊNCIA

Yinka Shonibare é um artista anglo-nigeriano que explora, através da pintura, escultura, fotografia, filme e instalação, questões raciais, de classe e outros pontos acerca da construção da identidade cultural no que diz respeito à inter-relação entre África e Europa. Sua instalação *Scramble for Africa* remete a um acontecimento já ressaltado neste artigo: a Conferência de Berlim. Shonibare, ao produzir essa obra, se coloca na posição de um indivíduo negro que olha para o passado de seu continente e faz declarações significativas através de sua arte. Assim como Yinka, a escritora Chimamanda Ngozi, em seus livros, nos oferece um prato cheio de reflexões direcionadas ao questionamento de papéis de gênero e considerações, como em seu livro *Hibisco Roxo*, direcionadas à violência causada pela dominação colonialista. A literatura de Chimamanda é importantíssima para que possamos entender a estratégia do imperialismo e sua sustentação através da política racial – ainda que seus romances não operem como representações fiéis dos fatos.

No que diz respeito a essa produção teórico-intelectual sobre acontecimentos em África, o filósofo africano Hountondji, em seu texto “Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos”, expõe colocações concernentes à autonomia de produção de conhecimento. Os africanos, segundo Hountondji, devem explorar por conta própria o ambiente em que vivem ou que viveram, testar suas potencialidades e escrever a partir das necessidades dos africanos, como é feito na obra de Yinka e Chimamanda. Dessa forma, faz-se importante esse:

[...] processo autónomo e autoconfiante de produção de conhecimento e de capitalização que nos permite responder às nossas próprias questões e ir ao encontro das necessidades tanto intelectuais como materiais das sociedades africanas. (HOUNTONDJI, 2008)

Hountondji, dessa forma, revela-nos a importância de se realizar uma *epistemologia africana*. Assim, além de propor o desenvolvimento de um sistema de pensamento filosófico endógeno, Hountondji revela a necessidade de “conhecer-se a si mesmo para transformar” (HOUNTONDJI, 2008). Além dessa questão concernente à produção de conhecimentos próprios de África, há uma necessidade de romper com a epistemologia dominante, isto é, a epistemologia ocidental, que criou uma série de imagens e representações negativas dos povos africanos. Há, por essas vias, a pretensão de afirmar categoricamente os fundamentos dos discursos de invenção de África e do negro, fazendo uma síntese crítica da questão complexa sobre o conhecimento e o poder do Ocidente, que, ao longo da história, professou seu pensamento como absoluto. (HERNANDEZ, 2008; MUDIMBE, 1998; RAMOSE, 2011).

Essa busca por desenvolver uma epistemologia africana vai ao encontro das palavras do líder sul-africano antiapartheid Steve Biko: de que o desejo do negro é explorar por conta própria o ambiente em que vive e testar suas potencialidades. Na coletânea de textos de Biko (1990) intitulada *I write what I like*, ele nos introduz sua concepção de *consciência negra*. Nas palavras do professor Silvio de Almeida, a *consciência negra*, para o ativista e escritor, é:

[...] basicamente uma nova forma de inscrição da condição de ser negro no mundo [...] é entender que muito do que pensamos e a forma com que agimos é resultado de séculos de uma violência naturalizada, e uma mudança depende de transformações políticas efetivas. (ALMEIDA, 2020)

Assim, a conquista da *consciência negra* está relacionada à conquista da liberdade dos negros, isto é, de sua emancipação geral. Movimentos como *Harlem Renaissance* e *Négritude* tiveram destaque na conquista da liberdade e da dignidade humana do negro. Houve um desenvolvimento, por esses movimentos, de alternativas propositivas. No Harlem, por exemplo, houve uma preocupação em ressaltar a importância do negro e sua colaboração na música e na literatura, questões relacionadas à criatividade cultural, ao poder criativo.

Houve, dentro desses movimentos, debates e ações relacionadas ao orgulho racial, à *reafricanização* das mentes, à autonomia das ideias e à união dos povos negros. Todos esses pan-africanistas sabiam da importância da mudança do olhar do negro sobre ele mesmo, isto é, de se despedir de valores e ideias pré-concebidos e começar a definir a si:

Através da renovação deste respeito de si mesmo e da autonomia, a vida da comunidade negra deverá entrar numa nova fase dinâmica, compensando com a vivacidade qualquer pressão que possa vir das condições externas. As massas migrantes, transferindo-se do campo para a cidade, concentram num salto a experiência de gerações. Mas, mais importante que isto, o mesmo acontece no plano espiritual, nas atitudes de vida e de autoexpressão do jovem Negro, na sua poesia, na sua arte, na sua educação e na sua nova aparência, com a vantagem adicional, claro, da elegância e da certeza acrescida de saber o que está em jogo. (SANCHES, 2011)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se almejou neste artigo foi, em um primeiro momento, esboçar um breve mosaico da dominação colonial exercida sobre África, suas principais ferramentas e como isso levou à perda de autonomia e de independência dos povos negros. Os pensadores africanos ressaltados neste artigo nos ajudam a pensar que não basta sonhar com um mundo melhor, se isso não nos despertar determinação para agir, seja intelectualmente, criativamente, na prática política ou em qualquer outra esfera. A atuação se faz necessária, pois há demandas na questão da formação de uma identidade coletiva dos povos negros, e, como foi mostrado brevemente em um segundo momento, houve – e ainda há – esforços dessa natureza por parte da comunidade negra, esforços no sentido de se mobilizar e se unir para reconquistar aquilo que lhes foi tirado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero*. São Paulo: Ática, 1990

CÉSAIRE, Aimée. *Discurso sobre o colonialismo*. Prefácio de Mário de Andrade. Trad Noémia de Souza. Lisboa: Livraria Sá da Costa Ed., 1978 (1ª ed. Présence Africaine, 1956)

ELLIOT, David. Yinka Shonibare's theatre of the world. *Art & Australia*.vol. 46 n. 2. Summer 2008.p. 304-313.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008

GARVEY, Marcus. *A Estrela Preta*. Trad Sista Nanda e Sista Luísa. EU&EU Ed., 2013.

HEGEL, (GWF). *La raison dans l'histoire*. Paris: Christian Bourgois, 1991.

HERNANDEZ, Leila M. G. Leite. *A África na Sala de Aula: visita à história Contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

HOUNTONDI Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, p. 80.

KANT, Emmanuel. *Observations sur le sentiment du beau et du sublime*. in Œuvres philosophiques, Paris:Gallimard/Nrf, vol. I, 1980.

GORDON, Lewis. *Pele negra, máscaras brancas (prefácio)*. Salvador: Ed. UFBA, 2008

MUDIMBE, V.Y. *A invenção da África: Gnose, Filosofia e a ordem do conhecimento*. Edições Pedagogo LDA, 2013.

OLIVA, Anderson. A história da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. *Estudo Afro-asiaticos*. v. 25, n. 3.2003.

RAMOSE, M. B. Sobre a legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. *Ensaio Filosófico*. Volume IV - Outubro/2011.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. S.P.: Cia. Das Letras, 1995.

SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). Viagens da teoria antes do pós-colonial. In: *Malhas que os impérios tecem - Textos anticoloniais*. Contextos pós-coloniais. PT: Edições 70, 2011